



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no 13º
Congresso da União da Juventude Socialista – UJS**

Academia de Tênis – Brasília-DF, 16 de junho de 2006

Eu queria dizer a vocês da alegria de estar participando deste encontro.
Mas, antes, eu queria cumprimentar os companheiros da mesa.

Cumprimentar o meu querido Renato Rabelo, presidente do PCdoB,
Cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro
da Educação,

O nosso querido Orlando Silva Júnior, ministro do Esporte,

Eu estou com o nome do Agnelo aqui, na nominata, mas eu não sei se o
Agnelo está presente. Está ali, presente. Cumprimentar o meu companheiro
Agnelo,

Quero cumprimentar o companheiro Wadson Ribeiro, presidente
nacional da UJS,

Quero cumprimentar o nosso querido amigo secretário nacional da
Juventude, Beto Cury,

Quero fazer justiça, aqui, e cumprimentar o nosso companheiro Petta,
pela dedicação dele em todo o processo e reforma da educação brasileira,

Quero cumprimentar o Marcelo Brito, vice-presidente da UJS,

Quero cumprimentar o companheiro Rafael Moraes, secretário nacional
da Juventude do PT,

Quero cumprimentar Josué Freitas, secretário nacional da Juventude do
PSB,

Quero cumprimentar o companheiro Ricardo Abreu, secretário nacional
da Juventude do PCdoB,



Quero cumprimentar a Elisa Campos, presidente da Associação Nacional dos Pós-Graduandos,

Quero cumprimentar o nosso querido Tiago Franco, presidente da Ubes,

Quero cumprimentar o nosso querido Sérgio Mamberti, o Artur (inaudível),

Quero cumprimentar cada um de vocês, os delegados e as delegadas estrangeiros que estão aqui presentes.

O nosso companheiro Pedro esqueceu de falar o estado de Roraima, falou todos, e também não falou Rondônia. Mas, de qualquer forma, ele falou “Brasil”, está tudo nos conformes.

Eu queria ter uma conversa com vocês, menos discursiva, uma conversa de pessoas da minha idade e do Renato Rabelo, que já atingimos a maturidade e, portanto, temos que conversar com vocês como se fossem, e como são, nossos companheiros, mas todos com a idade dos nossos filhos.

No Congresso do PCdoB, aqui neste mesmo salão, teve um companheiro que tinha utilizado muito a palavra “mudança” no discurso, eu não sei nem quem foi. E depois falou o Renato, depois falaram outros companheiros, depois eu fui falar. E eu chamava a atenção para a compreensão que nós precisamos ter do momento político em que estamos vivendo e das coisas que nós estamos e podemos construir juntos. Mas, se nós perdermos o tempo da política, nós também poderemos perder o tempo da oportunidade.

O processo de mudança, num país da dimensão do Brasil, com a cultura brasileira, com uma aristocracia e uma oligarquia bem plantadas na política ao longo de 500 anos, precisa ser levado muito a sério, e pensado cada passo que a gente dá.

Vocês querem ver um avanço importante que nós temos? Eu conversava com o Orlando e dizia: o que está acontecendo na educação neste



país pode ser pouca coisa, pela expectativa que nós temos dentro de nós. Mas vamos analisar ao longo dos últimos 30 ou 40 anos o que aconteceu na educação brasileira, para a gente saber o salto de qualidade que nós demos nesses 41 meses de governo. Não é pouca coisa.

Se os números citados aqui pelo companheiro Fernando Haddad, de quatro universidades federais novas, de seis faculdades transformadas em universidades e de 42 extensões universitárias por todo o país, é só vocês analisarem o histórico, desde 1920, quando foi construída a primeira, para que a gente possa ter noção do avanço que nós tivemos.

E cada um de vocês – o Petta participou muito, junto conosco – sabe do significado, quando a gente abre uma universidade, mesmo que seja uma extensão com meia dúzia de cursos, numa cidade do interior. Eu vou dar um exemplo para vocês entenderem: imaginem a USP e a Unicamp juntas, elas devem ter por volta de 91 mil estudantes, as duas. Há quanto tempo que não se cria uma universidade nova em São Paulo? A última foi a Universidade Federal de São Carlos. Agora, se a USP e a Unicamp, juntas, geram 91 mil vagas, só o ProUni, em São Paulo, em 14 meses, gerou 64 mil vagas.

Imaginem vocês há quanto tempo – eu vou dar apenas um exemplo, Renato, para ter dimensão – há quanto tempo São Paulo, que é o estado mais importante da Federação, do ponto de vista econômico, do ponto de vista populacional, exatamente São Paulo, que tem 82% dos estudantes universitários em escola particular, apenas 18% estão em escolas públicas. São Paulo está mais privatizado do que a média nacional, que ainda tem 65% dos estudantes em escolas privadas e 35% em escolas públicas. Imaginem que em São Paulo, nesse pouco tempo, nós anunciamos a Universidade Tecnológica do ABC, que quando estiver funcionando na sua plenitude terá, aproximadamente, 25 mil novos alunos. Levamos uma extensão de cursos na área de Saúde para Diadema, Diadema jamais imaginou ter um braço de universidade; levamos um braço de Medicina para Santos; levamos um braço



de cursos de Humanas para Guarulhos; levamos para Sorocaba e vamos levar para Osasco para completar a região metropolitana do maior estado brasileiro e da maior cidade brasileira contemplada com cursos públicos, para não ficar apenas dependendo da USP, ter uma coisa que possa oferecer mais cursos para a nossa juventude.

Uma outra coisa que vocês precisam começar a perceber, porque é importante a gente saber para poder fazer um embate político. Eu, naquele dia, estava aqui nesta mesa, falando de mudança, não mudança, e eu estava olhando: “mas esses companheiros, imagina se não tem mudanças no Brasil”. Primeiro, onde é que a União da Juventude Socialista faria a sua reunião? Aqui, na Academia de Tênis? Essa é uma mudança. Dez anos atrás teria gente chamando vocês de pequena burguesia, traidores da revolução porque vieram fazer aqui na Academia o encontro. Hoje, as pessoas percebem que vocês têm tanto o direito de fazer uma reunião aqui, quanto em qualquer outro lugar do Brasil, afinal de contas... Uma vez, no primeiro programa Vox Populi de que eu participei, em 1978, na TV Cultura, me fizeram uma pergunta, de forma indignada, porque um metalúrgico tinha ido num programa de televisão. Eu disse para o perguntador: “essa pergunta eu compreendo, porque tem gente que acha que metalúrgico tem que andar de sandália e comer no cocho, não permite que a gente possa comer e viver melhor”.

Eu fico imaginando quando é que os comunistas imaginaram, Renato, ter um presidente da Câmara dos Deputados. Bom, vocês hão de convir que o Agnelo tinha mais jeito de ministro do Esporte que o Orlando, pelo menos tinha mais jeito de atleta, e dizia que sabia jogar bola, o Agnelo é todo “cheio” de que sabia jogar bola, o tempo que jogou comigo, perdeu. O Orlando parece que é lutador de boxe, não deixa de ser um esporte também, mas ele ainda tem tempo de virar um grande esportista.

Esses dias eu estava olhando a importância, quer dizer, o PSB tem dois ministérios. Quando é que a esquerda imaginou ter essas coisas, porque no



máximo o que a direita dava, quando queria fazer uma concessão com a esquerda, era um ministério da área social, mas dava um ministério da área econômica e os outros para todo mundo e ficava o coitado da área social sem poder fazer política social, porque os outros prendiam o dinheiro.

Eu aprendi na minha vida a conviver da forma mais democrática política na adversidade. Quando eu era presidente do sindicato eu tinha oposição de tudo quanto é facção que vocês possam imaginar, tinha mais facções que hoje, e eu convivia com todo mundo, quem me conheceu naquele tempo sabe que eu convivia com todo mundo. Divergências à parte, quando tinha que decidir os interesses da categoria era pão, pão, queijo, queijo, quem não quisesse caía fora, porque não tinha espaço.

Pois bem, nós agora estamos vivendo um momento excepcional. Eu lamento, companheiro Renato, que a gente não tenha junto conosco aqui, figuras como João Amazonas, figuras como Miguel Arraes e figuras como nosso companheiro Brizola que, mesmo nas divergências, muitas vezes, eu me lembro que na campanha pela redemocratização do país, quantas brigas o PCB teve com o Brizola e me lembro quantas brigas eu mesmo tive com o Brizola, mas eu nunca relevei isso porque eu sempre achei o Brizola uma figura tão importante na política brasileira que, mesmo quando a gente divergia eu o respeitava. Ele era um político de dimensão nacional, de caráter e que a gente, mesmo quando divergia... eu participei de muitas reuniões, tive o privilégio de ser o mais novos deles, e ver o tanto que João Amazonas, Arraes e Brizola brigavam nas reuniões. Era um momento importante da nossa política. Agora, cá estamos nós, 41, 42 meses de governo

Eu fico imaginando, também, a situação da democracia, no Brasil. O Brasil teve o Getúlio Vargas governando este país de 30 a 45 – não é, Renato? – numa mão-de-ferro muito grande, porque ele podia indicar governador e prefeitos de capitais. E, depois, o Getúlio sai, volta em 50 pelos braços do povo, e apanhou tanto e foi levado à morte.



Depois veio o Juscelino. O Juscelino era uma figura fantástica, porque era um médico militar e um sonhador que a chamada “direita ideológica” brasileira não queria. Naquela época, a direita dizia assim: o Juscelino não pode ser candidato, se ele for candidato não pode ganhar, se ele ganhar não pode tomar posse, se tomar posse nós vamos depô-lo. Era assim que eram tratadas as coisas. E quantas vezes Juscelino foi achincalhado. Hoje, não, hoje está recuperado aos olhos da Nação como um grande presidente. Mas tentem recuperar os jornais da época para ver quantas vezes o Juscelino foi chamado de ladrão neste país, quantas vezes tentaram derrubá-lo. Depois veio o João Goulart e, aí, a história mais recente todos vocês conhecem.

Eu fico imaginando essas coisas todas como um esporte, está na moda, agora, o esporte: aquele jogador malandro. O jogador malandro é aquele que fica o tempo inteiro provocando o melhor jogador adversário para tentar cavar uma expulsão do jogador adversário, é aquele que fica infernizando, fica na orelha do outro falando bobagem, fica provocando. Vocês já viram isso, já devem ter visto muitas vezes, aquele jogador que fica passando a mão no outro, chutando a canela do outro, falando palavrão para o outro, até que o cara vai ficando nervoso, faz uma bobagem e pronto, está expulso de campo.

Vocês estão lembrados que na Copa do Mundo de 2002 o Ronaldinho Gaúcho, depois de fazer aquele gol extraordinário de falta contra a Inglaterra, ficou nervoso e foi expulso, não é? O Brasil ficou meio capenga, mas ganhamos o jogo.

Na política também tem esse tipo de gente, que não joga tão bem quanto o outro mas fica tentando provocar, para o outro não conseguir fazer as coisas, ficar nervoso e dar motivo para eles mostrarem cartão amarelo, verde, vermelho, sei lá o quê.

É um pouco isso que eu vejo que está acontecendo no Brasil. Os meninos governaram este país tantos anos, tantos anos os meninos governaram este país, décadas e décadas. Sabe, eu não quero nada. Eu só



quero poder, no final do ano, comparar tudo o que eles fizeram com o que nós fizemos.

Eu não vou falar mal de ninguém, não quero falar mal de ninguém, não tenho mais idade para falar mal de ninguém. Eu, se não puder falar bem, eu fico quieto. Mas eu queria comparar o crescimento econômico, eu queria comparar a distribuição de renda, eu queria comparar programa de educação, programas sociais, eu queria comparar construção de habitações, eu queria comparar geração de empregos, eu queria comparar os acordos com o movimento sindical, eu queria comparar áreas indígenas demarcadas, eu queria comparar tudo. Podem escolher, eles escolhem os temas e nós comparamos. Eu só queria isso.

E o exercício da democracia, porque nesses 41 meses eu participei de 37 Conferências Nacionais, e tantas quantas eu tiver eu vou participar. Até porque o meu maior desejo não é terminar o mandato dizendo: “Olha, o povo ganhou um real a mais”. Não! A consagração para um governante democrático é se, ao terminar o seu governo, estiver consolidada a relação entre o Estado e a sociedade, entre o governo e a sociedade e o poder de determinação pela sociedade é essa a força das coisas que nós precisamos no país.

Mas, ainda assim, nós ficamos pensando: por que tanto ódio? Por que tanta inveja? Por que tanta raiva? Por que tanta coisa? Antigamente, falavam que nós é que éramos assim. Quem foi deputado constituinte comigo viu como a gente sofreu aqui, viu como a gente sofreu. Eles se organizavam e tripudiavam, e votavam, e nós fazíamos o jogo democrático. Quantas vezes nós perdemos as coisas e acatamos o resultado?

Agora, o que nós estamos percebendo? É que há uma certa inquietação no cumprimento da regra do jogo democrático neste país. Há uma certa inquietação. Eu não posso inaugurar uma obra que alguém abre processo dizendo que é campanha eleitoral, possivelmente porque quando governaram não tinham obras para inaugurar, então não iam. E o meu papel, por isso estou



falando aqui muito calmo, é não ficar nervoso. Eu me convenci que eu não posso dar a eles o pretexto que eles querem para ficar nervoso, porque eu tenho convicção do jogo que estamos jogando, eu tenho convicção do jogo que precisa ser jogado e eu tenho convicção das coisas que nós precisamos construir no país. E as obras que nós precisamos construir não são obras de quatro anos, nem de oito anos, nem de 12 anos, são obras que possivelmente podem envolver uma geração inteira, e vamos contar uma geração inteira para 20 anos. São obras que levam muito tempo, o processo de transformação que nós precisamos fazer no Brasil, e fazê-la dentro do jogo democrático, na disputa democrática, porque a democracia é, sobretudo, boa para nós porque nós somos a maioria e, portanto, nos interessa a democracia ser exercitada em toda sua plenitude.

Eu queria dizer para vocês que o jogo está sendo jogado com muita maturidade. Vocês não sabem o que é a gente aprender a apanhar, é mais difícil do que aprender a bater. Mas, ao longo da minha história, eu fui tomado de profundo respeito e respeitei profundamente aqueles companheiros que foram torturados até a morte e não delataram um outro companheiro. Suportar a dor física é tão duro quanto suportar a dor das infâmias, das leviandades, dos discursos fáceis e falsos e nós temos que, com muito carinho, sem perder a paciência, ter noção que o povo é muito mais sábio. Vocês não sabem, ou talvez saibam, quanta indignação houve por parte de alguns neste país, Renato Rabelo, depois de nos baterem um ano e meio sem parar, sai uma pesquisa: eu subo e eles descem.

Lógico que nós não acreditamos em pesquisas como coisa definitiva, é uma fotografia. Mas é que muitos não levaram em conta que existe no meio desse debate – às vezes acadêmico, às vezes um debate eminentemente raivoso – existe uma coisa chamado povo, existe um povo neste país que faz política como vocês, que briga como vocês, que aparece como vocês, que veste a camisa como vocês. Mas tem uma outra parcela do povo que é tão



nobre quanto esses que brigam e não pertencem a partido político, não pertencem a sindicato, mas são pessoas que começam a refletir, começam a perceber que estão podendo comprar um pouco mais de comida para casa, começam a perceber que estão podendo fazer mais uma reforminha na sua casa, começam a perceber... a coisa que eu tenho mais orgulho é, em todo lugar que eu chego, uma menina ou um menino levantar um cartaz dizendo: “eu sou aluna do ProUni”, às vezes com lágrimas nos olhos. Tem uma parcela do povo que começou a sentir que as coisas estão mudando e as pessoas querem que melhorem ainda mais. E querem que melhorem ainda mais porque as pessoas sabem que tem uma possibilidade na vida de fazer com que este país seja governado de forma justa, que a riqueza seja distribuída de forma mais equânime.

Quero dizer para a Juventude uma coisa que eu disse no encontro do PC do B e do PSB. Eu fui, durante um tempo, o mais importante sindicalista deste país, eu fiz as greves mais importantes deste país, num momento muito difícil deste país, e muitas vezes voltava a trabalhar sem ganhar um único centavo. E o meu papel não era ir para a porta de fábrica chorar que tinha voltado a trabalhar sem ganhar nada, o meu papel era tentar conscientizar os trabalhadores que a gente não tinha ganho porque a correlação de forças não permitiu que a gente ganhasse, que tínhamos que nos preparar para o ano seguinte. No nosso governo, faz três anos consecutivos que 90% do movimento sindical brasileiro faz acordos salariais acima da inflação, com ganho real de aumento de salário.

E, agora, as coisas começam a aparecer, porque vocês viram que a Fundação Getúlio Vargas divulga um número importante, que para os pobres deste país a distribuição de renda era como se nós estivéssemos crescendo ao PIB chinês. É verdade que nós vamos priorizar os pobres, vamos priorizar mais, porque neste país o pobre às vezes quer um centavo e, quando ele pede, se fala que está gastando com o pobre. Nós não estamos gastando com o



pobre, nós estamos investindo nas nossas crianças, nós estamos investindo no nosso trabalhador, investindo nas pessoas. Tem um programa que não sei se foi ao ar, ou se vai ao ar, da Eletrobrás, sobre o Programa Luz para Todos. Possivelmente quem nasceu na cidade e já nasceu no hospital, com luz, não sabe o que é isso. Mas, quando você vai ao interior e liga um bico de luz numa casa, você está transportando uma pessoa do século XVIII para o século XXI, como num passe de mágica. Eu vi um pedaço do filme, em que uma mulher ficou acendendo a luz a noite inteira e o marido perguntou: “por que você está acendendo essa luz a noite inteira? E a mulher fala: “é porque eu nunca tinha visto a cara do meu filho dormindo”.

Uma coisa importante que eu queria que vocês acompanhassem, que está acontecendo... muitas vezes, também, talvez nós sejamos muito ruins de comunicação e nem sempre é publicado o que a gente fala, eu acho que nós somos muito ruins de comunicação e nem tudo o que a gente fala..., Às vezes, os adversários são mais competentes e conseguem fazer as coisas fluírem com mais notícia, mas nós vamos aprender. Mas deixem-me contar uma coisa para vocês, algumas coisas que estão acontecendo que mostram o tipo de Brasil que nós vamos ser daqui a algum tempo. Primeiro, nós tivemos uma consolidação da nossa política...

(Falta pequeno trecho em função de problemas na gravação)

O Brasil tem que mostrar a sua generosidade, como maior economia da América Latina. O Brasil tem obrigação de ajudar esses países a se desenvolverem, porque nós não queremos relação hegemônica, nós queremos parceria com os nossos parceiros da América Latina.

Depois, vejam vocês, ficaram horrorizados porque eu fui para a África. Eu visitei, em 36 meses, 17 países africanos. Se vocês juntarem todos os presidentes da República, desde que foi proclamada a Independência do



Brasil, desde que foi proclamada a República, vocês vão perceber que eu, em 36 meses, visitei mais países africanos do que todos os outros juntos. E sabem por quê? Não só porque nós temos a obrigação de ter uma relação privilegiada com o continente africano, mas porque a nossa cara, a nossa cor, a nossa alegria, a nossa feiúra e a nossa beleza estão nessa mistura entre índios, negros e (inaudível).

Depois, fomos ao Oriente Médio. A última autoridade brasileira a ter ido ao Oriente Médio foi Dom Pedro, em 1846. Nós fomos lá visitar sete países. E fomos visitar para a gente dizer, mostrar para eles que existia um mapa mundi e que tinha o Brasil, ali, depois do Atlântico, e que o Brasil queria fazer relações políticas soberanas com eles, o Brasil queria comprar e vender, e que nós não podíamos ficar dependentes apenas das duas partes mais ricas do mundo, de um lado, a União Européia, de outro lado, os Estados Unidos. Nós precisávamos diversificar os nossos parceiros, para que a gente tivesse mais independência.

E aqueles que nos atacaram hoje são obrigados a reconhecer que o maior parceiro comercial do Brasil, hoje, não são mais os Estados Unidos e a União Européia, é a América Latina, onde nós temos a maior exportação brasileira. Não queremos brigar com os Estados Unidos, não queremos brigar com a União Européia, queremos manter uma política de interação e queremos fazer negócio com todos esses países. Mas queremos dizer a todo mundo o seguinte: somos brasileiros, gostamos de respeitar os outros e queremos ser respeitados. A relação tem que ser mais igualitária, mais respeitosa.

E é por isso que o Brasil assumiu o papel que assumiu no G-20. É por isso que o Brasil assumiu... ninguém fala mais em Alca, hoje, está lembrado como era ideologizada a Alca, como era...? Eu me lembro da campanha de 2002, era Alca para cá, Alca para lá. Não precisamos fazer nada, apenas não discutimos mais Alca, vamos discutir Organização Mundial do Comércio, que é o que interessa, vamos ver se os Estados Unidos abrem mão dos subsídios



agrícolas, vamos ver se a União Européia abre mercados agrícolas para os países mais pobres. Senão, como é que a América Latina e a África vão competir? Tem países na África que produzem 400 mil toneladas de algodão, se não tiver comprador de país rico eles vão viver do quê?

Então, nós começamos a mudar um pouco a geografia comercial do mundo. E posso dizer para vocês: ainda estamos longe, mas já andamos muito. Hoje, grandes decisões neste mundo não são tomadas mais sem querer saber o que o Brasil pensa, o que a China pensa, o que a Índia pensa, o que a África do Sul pensa, porque nós somos levados em conta nesse jogo político mundial.

Nunca sido discutido “fome” nesses fóruns. Eu me lembro, quando eu cheguei em Evian, eu nem tinha noção de como é que se participava de uma reunião com tantos presidentes importantes, e discute para lá, discute para cá, o Bush estava, assim, falando da guerra do Iraque, estava num momento tenso e eu disse: Presidente, a minha guerra não é contra o Iraque, que está tão longe de mim. A minha guerra é contra a pobreza do meu país. Eu preciso demonstrar a vocês. E eu sei que derrotá-la não é num passe de mágica, derrotá-la tem o tempo de plantar, tem o tempo de adubar, tem o tempo de amadurecer e tem o tempo de colher. Não é uma coisa que fazemos num passe de mágica. Amanhã, o presidente da União da Juventude Socialista ganha a Presidência do Brasil, faz um decreto e muda tudo. Se for assim, ele cai e nem toma posse. Ou seja, é preciso maturidade.

E veja, nesse processo de maturidade, o que tem acontecido no Brasil: além da nossa política externa consolidada, eu me lembro que em 2002 o Brasil corria o mundo buscando dólar para poder saldar as suas dívidas, pagar os seus compromissos. O Brasil tinha que vender dólar para poder baratear o dólar, que estava muito caro. Hoje, nós precisamos comprar dólar para o dólar subir um pouquinho, para melhorar o câmbio. Hoje, nós já devolvemos 15 bilhões e 600 milhões ao FMI: “Não queremos esse dinheiro, podem ficar”. Já



pagamos o Clube de Paris e já pagamos até os títulos da dívida do presidente Sarney. E ainda temos 61 bilhões de dólares de reserva. As exportações continuam aumentando e nós também queremos que aumentem as importações, sobretudo de máquinas e equipamentos, para que possamos ter a nossa indústria renovada e mais competitiva.

Nós atingimos a auto-suficiência do petróleo. Olha como Deus foi generoso comigo! Uma coisa que começou com Getúlio Vargas. Vocês precisam ler os editoriais dos jornais de 1953, o que escreviam contra Getúlio por causa da Petrobras: “É demagogia, é jogar dinheiro fora”, eles diziam naquela época. Foram 53 anos de espera, meus caros companheiros, e eu tive o prazer de ir na P-50 apertar um botão que tirou a primeira gota de petróleo que consagrou a auto-suficiência de petróleo em nosso país.

E, ainda mais feliz porque as plataformas onde hoje estamos extraíndo petróleo são as plataformas produzidas, na sua grande maioria, por operários brasileiros, em estaleiros brasileiros. Vocês estão lembrados que, em 2002, eles diziam que os estaleiros brasileiros não tinham condições de produzir, e nós estamos produzindo. Esta semana mesmo, Renato, vou ao Rio de Janeiro anunciar a contratação da construção de 26 navios pela Petrobras aos estaleiros brasileiros, para recuperar ainda mais a indústria naval.

Uma outra revolução a que vocês precisam ficar atentos é a revolução do biodiesel. O biodiesel foi um projeto pensado, primeiro, para diminuir a quantidade de enxofre no óleo diesel brasileiro, melhorar a qualidade; segundo, para que a gente pudesse tornar o nosso óleo diesel menos poluente; terceiro, para gerar empregos, onde? No campo. Fizemos uma lei, fizemos um marco regulatório em que criamos um selo social: o empresário que montar uma empresa e fizer a contratação da mamona, do girassol, do dendê, da pequena agricultura familiar, ele vai ter a certeza de que a Petrobras vai comprar o seu biodiesel. Já geramos mais de 100 mil empregos. Na semana que vem eu vou a Passo Fundo lançar a pedra fundamental de outra usina de biodiesel, como



já anunciei em Montes Claros, em Minas Gerais, como já tem em Irineu Rezende, no Piauí, e em Floriano, no Piauí.

Essas coisas vão acontecendo e, de repente, parece um milagre, porque as pessoas ainda não se deram conta. Nessa loucura de procurar combustíveis renováveis, de procurar novas alternativas de produção de energia, eis que a nossa Petrobras, por conta da briga do biodiesel, inventa um novo combustível, chamado H-Bio. O que que é o H-Bio? O H-Bio é, simplesmente, pegar o óleo vegetal, seja da soja, seja do dendê, seja do caroço de algodão, seja da mamona, seja do pinhão manso, é pegar o óleo bruto, misturar ao petróleo e, na própria refinaria, fazer o refino e sai um biodiesel de extraordinária qualidade, sem enxofre, que pode competir no mercado internacional, com muita gente.

E é isso que, agora, me dá autoridade para dizer, todo santo dia: o Brasil será a maior potência energética do século XXI, o Brasil não terá competidor. E, aí, vai resolver vários problemas nossos, da agricultura. Agora, no dia 20, eu vou ao Paraná só para ter o prazer de ver a refinaria refinar o óleo vegetal junto com o petróleo, e sair o H-Bio. Nome tipicamente brasileiro, genuinamente brasileiro, um combustível de qualidade genuinamente brasileira. E essa nós saímos na frente. Essa não é dos Estados Unidos, essa não é da Europa, essa não é do Japão. Essa é do Brasil. Essa é da Petrobras.

Além disso, tem algumas coisas importantes acontecendo e que vão mudar a cara do Brasil. O projeto da refinaria em Recife, na parceria PDVSA-Petrobras; o processo do Pólo Siderúrgico, em Fortaleza; a Transnordestina, que significa 1.860 quilômetros de ferrovia ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém, passando por Elizeu Martins, no Piauí e, futuramente, vai até o sul da Bahia, até vai ter braço para outros estados. É um investimento de 4 bilhões e meio de reais. E tudo isso leva tempo.

Sabe que eu vi uma manchete, Ricardo Carvalho, você que é um jornalista, esses dias eu vi uma manchete engraçada, dizia assim: “Lula vai ao



Rio de Janeiro anunciar um pólo petroquímico que só vai ser inaugurado em 2011". Eu fiquei pensando, eu falei: "Imagina se a manchete fosse a seguinte: o presidente da UJS anuncia que a sua mulher ficou grávida de um filho que só vai nascer daqui a nove meses".

Ora, é lógico que um projeto como o Pólo Petroquímico de Itaboraí, no Rio de Janeiro, que vai precisar de 14 bilhões de reais de investimento e que, ao longo do processo de construção vai gerar milhares e milhares de empregos para aquela região mais pobre do Rio de Janeiro – quem conhece São Gonçalo sabe que é muito pobre – que vai ter lá, em São Gonçalo, a construção do maior centro de inteligência para a formação profissional da América Latina, que vai ter um CEFET naquela região, que vamos cuidar da água e do saneamento básico, um pólo petroquímico que vai atrair milhares de pequenas empresas de segunda geração, vai mudar a cara do Rio de Janeiro nos próximos dez anos. E isso tem um dia para começar e um dia para terminar. Não é diferente... Não é uma coisa que eu anuncio hoje e amanhã a fábrica já está... Se Deus me desse esse poder de anunciar a fábrica hoje e amanhã já estivesse produzindo, seria maravilhoso. Não, se eu quiser chupar uma laranja, de um pé, meu, eu tenho que enterrar um pezinho no chão, ter paciência, esperar o tempo e colher. Então, nós estamos colhendo, preparando para colher, preparando para colher uma coisa extraordinária.

E agora entra, Renato, uma coisa que nem discuti contigo ainda, a TV digital. A TV digital vai mudar a história da televisão no Brasil nos próximos dez anos, daqui a algum tempo a gente não vai ter televisão analógica, essa que nós temos agora, vai ser digital, vai ser aquela... Eu vi o jogo em TV digital. Mas aí eu achei que era pouco a TV digital, por que TV digital só? Não. Tinha três modelos disputando o Brasil, ainda estão aí, Estados Unidos, disputando; Europa disputando, Japão disputando. Mandeí Celso Amorim, Hélio Costa e Furlan para o Japão e vamos discutir e tal. Agora está vindo uma equipe técnica do Japão, depois vem o Ministro no dia 29, e eles estão se oferecendo



ao Brasil para criar o modelo – que não é o modelo japonês, o modelo europeu – é o modelo nipo-brasileiro de TV digital. Oh, que chique, nipo-brasileiro.

Mas o que nós queremos? Nós queremos convencer a quem quiser fazer parceria conosco que nós não queremos apenas a televisão digital para receber imagem, nós queremos aqui uma fábrica de semicondutores para colocar o Brasil na era da microeletrônica, porque é isso que vai dar valor agregado a este país e essa será a revolução. Então, se quiserem construir conosco, nós estaremos dispostos a participar com as universidades brasileiras que prestaram um trabalho extraordinário, 23 universidades brasileiras participaram de todo o processo, uma coisa extraordinária, e nós estamos prontos aí, prestes, faltam detalhes para a gente poder tomar uma atitude. E tem gente querendo conversar, vamos conversar.

Então, gente, o Brasil está pronto. O Brasil está vivendo um momento que eu diria, é quase... para quem viveu a economia deste país muito tempo, para quem chorou na porta de fábrica às cinco horas da manhã, como eu, muitos anos, por causa do desemprego, para quem ia a uma hora da manhã na porta da Mercedes... o pessoal me chamava de “levanta-moral” porque as empresas mandavam muita gente embora e lá ia o Lula, a uma hora da manhã, às duas horas, fazer assembléia e conversar com os trabalhadores, e chorava todo mundo...

Para quem viveu e vê o momento que nós estamos vivendo aqui, nós estamos vivendo um momento especial. O que é isso? É que as coisas estão plantadas, as coisas já foram adubadas, as coisas estão com solidez. Nós não corremos mais o risco de que uma crisezinha não sei aonde acabe com o Brasil. Não! Nós agora temos café no bule. Eu não vou dizer “bala na agulha” porque não é bom dizer “bala na agulha”, mas nós temos café no bule, agora, nós temos tempo agora.

Então, o que falta? Isso é como um jogo de futebol, falta a gente construir o próximo momento. E a construção desse próximo momento não



pode ser alguém dizer: “Eu quero ser candidato”. Até porque o povo já foi generoso comigo e já me fez presidente da República uma vez. Basta a gente construir: para que a gente precisa de um candidato? O que nós queremos de um candidato, num próximo momento, numa nova etapa? E, aí sim, nós vamos decidir não a candidatura do PT ou a candidatura do PCdoB a candidatura do PSB ou a candidatura não sei de quem. Nós vamos decidir uma candidatura para não permitir mais que este país viva os retrocessos que viveu durante praticamente toda a década de 80 e de 90. E ela não será possível de ser construída sem vocês.

Eu tenho dito, e alguns de vocês têm me ouvido falar, em vários lugares: o maior legado que o pai de vocês pensa em deixar para vocês... se os pais de vocês nunca conversaram com vocês sobre isso, não pensem que eles querem deixar um carro para cada um de vocês, uma casa na praia, de herança, deixar uma casa... não é isso que eles querem deixar. Podem ficar certos que o que faz a mãe de vocês chorarem, o que faz o pai de vocês chorarem e sonharem a vida inteira, é eles sonharem com vocês com um diploma universitário, uma profissão, uma garantia, uma garantia de que essa profissão vai dar para vocês a independência que vocês precisam, sobretudo para a mulher. Ah, como é importante a mulher ter uma profissão, não ficar dependendo do marido, poder comprar suas próprias coisas, poder fazer seus próprios planos.

Uma vez, eu fiquei perguntando: por que em Cuba tinha bastante divórcio? Aí, depois, eu fiquei sabendo: tinha divórcio porque as pessoas tinham independência. Quando as pessoas têm independência, as pessoas não têm medo. A gente vive junto porque ama, porque gosta, no dia em que não ama e não gosta, o que acontece? A gente não é obrigado a viver junto.

Eu acho que, formar vocês, dar uma profissão para vocês, garantir que vocês possam ser profissionais qualificados é garantir que o Brasil possa não jogar fora a oportunidade do século XXI. Já jogamos muitas oportunidades fora. A Europa não jogou o final do século XIX e metade do século XX, os Estados



Unidos aproveitaram o século XX para eles. Agora, a China está aproveitando o século XXI. E nós? Nós vamos ficar parados e olhar? Não. Se a gente não formar mão-de-obra qualificada, nós vamos perder a parada.

Então, é preciso acabar, e está proibido neste governo – vocês podem ter orgulho – está proibido, neste governo, algum ministro dizer que vai gastar dez reais com educação. A gente não gasta com educação, a gente investe em educação, a gente gasta é com cadeia, a gente gasta é com prisão, a gente gasta com coisa que não dá retorno.

Este Brasil que nós queremos construir não será construído se o Brasil for uma ilha e não lembrar que nós temos, de um lado, a Argentina, de outro lado o Uruguai, Paraguai, Colômbia e Equador, Bolívia, Venezuela, Peru, que tem toda a América Central. Se a gente não olhar para os nossos irmãos e falar: Nós queremos ser ricos sozinhos? Não, nós não queremos ser ricos sozinhos, nós queremos que todo mundo – não precisa ser tão rico – mas que todo mundo seja pelo menos bem de vida, que todo mundo possa morar, trabalhar, estudar, ter lazer, ter acesso à cultura. O que mais nós queremos? Nada.

Além disso, a gente quer ter o prazer de ser feliz, de ter uma família harmoniosa. E, aí, Juventude, eu queria pedir para vocês, como eu já sou avô, não se esqueçam: por mais problemas que vocês tenham, cuidem dos pais de vocês, dêem atenção porque, às vezes, o ímpeto da nossa idade não permite que a gente veja o problema que a gente tem dentro de casa e, muitas vezes, por falta de cultura, eles não conversam conosco e nós também não conversamos com eles.

Então, por favor, se nós quisermos construir uma sociedade justa, como todos vocês sonham, começemos a ser justos dentro da nossa casa, com aqueles que nos amam e com aqueles que nós amamos.

Então, meus queridos companheiros, muito obrigado. Que Deus nos abençoe e que permita que a gente possa, daqui a alguns dias, tomar a



decisão que precisamos tomar, com sabedoria, com inteligência, sem criar nenhum problema para quem está preocupado com este Congresso aqui. Isso aqui é um retrato fiel da juventude que nós queremos, para o nosso Brasil. Nós temos milhões e milhões, por aí fora, que podem se espelhar em vocês.

Então, meu querido Gustavo Petta, meus queridos companheiros da União da Juventude Socialista, eu quero terminar dizendo para vocês: muito obrigado por tudo que vocês fizeram comigo e junto comigo, desde 1989.

Muito obrigado, queridos. Muito obrigado.